



USP ESALQ – ACESSORIA DE COMUNICAÇÃO

Veículo: Agência USP de notícias

Data: 07-11-08 (sexta-feira)

Boletim nº: 2417

Assunto: Atividade urbana ameaça arborização

Atividade urbana ameaça arborização viária do Cambuí, em Campinas

Pesquisa da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq) da USP revela que há um déficit de 6.199 árvores no bairro do Cambuí, área nobre do município de Campinas (interior de São Paulo). Apesar de a região ser uma das mais arborizadas da cidade, fruto de melhorias urbanas implantadas desde o século XIX, o estudo do engenheiro florestal José Hamilton de Aguirre Júnior alerta para os riscos do manejo inadequado, da especulação imobiliária e da poluição para a conservação e ampliação da cobertura vegetal do bairro.

O trabalho mapeou 2.087 árvores, distribuídas em 117 espécies, 94 gêneros e 42 famílias identificadas, 21 indivíduos arbóreos e 12 palmeiras não identificadas, além de 74 mortos. De acordo com Aguirre Júnior, “existem 25,2 indivíduos a cada quilômetro de calçada, evidenciando uma carência de 74,8 árvores/km”. Segundo a Lei 11.571/2003, a cada dez metros de calçada deve ser plantada uma árvore. “Considerando que o bairro conta com 82.880 metros de passeio, a conta do déficit arbóreo resulta num total de 6.199 indivíduos”, destaca o pesquisador.

A espécie predominante é a sibipiruna, com 261 indivíduos (12,51%). As nativas representam 1.117 exemplares (53,5%), distribuídas em 46 espécies; as exóticas, 937 (44,9%). As 10 primeiras espécies concentram (54,2%), 1.131 árvores, destacando-se a presença de 5 nativas e 5 exóticas (2 delas arbustivas), sendo a primeira colocada desta categoria, a pata de vaca, com 129 indivíduos (6,18%).

Além da contagem e catalogação, a pesquisa aponta os principais problemas que dificultam a manutenção deste patrimônio ambiental. Cerca de 25% das árvores estão com afloramento de raiz. Os desequilíbrios a partir de podas irregulares podem ser verificados em 22,6% dos exemplares, o alto grau de infestação de pragas urbanas em 6,09% e, as doenças graves, em 1,39%.

Proteção

“A falta de fiscalização, planejamento, acompanhamento e manejo técnicos, práticas adequadas por parte das concessionárias de serviços públicos aéreos e subterrâneos, a especulação imobiliária, prestadores de serviços, comércio, a própria população, o tráfego intenso e a poluição de veículos, tornam crítico o estado atual dessa arborização, ameaçando a história do bairro”, destaca o pesquisador.

A pesquisa Arborização viária como patrimônio municipal de Campinas/SP: histórico, situação atual e potencialidades no Bairro Cambuí foi apresentada no Programa de Pós-graduação em Fitotecnia da Esalq, com orientação da professora Ana Maria Liner Pereira Lima. “Um dos benefícios ao município é a área ocupada pela copa das árvores (13,92ha), superior à de várias áreas verdes centrais de Campinas”, aponta Aguirre Júnior. “Este bem comum deve ser o foco de políticas públicas que garantam a sua efetiva proteção”.

De acordo com a pesquisa, o bairro surgiu no início do povoamento de Campinas, no século XVIII, com as incursões dos bandeirantes pelo interior do Brasil, por intermédio de uma estrada rústica que passava pelo local, denominada Caminho dos Goiazes. “A região é um dos descampados, campinhos ou campinas do qual a cidade originou-se e está localizada nas proximidades da atual Praça XV de Novembro”, relata o estudo. “O nome do bairro se deve à presença abundante, na época, da espécie denominada popularmente de cambuí”.

Inicialmente moradia e habitação de prostitutas e negros escravos, fugidos e libertos, a partir do século XIX o Cambuí se tornou residência da elite cafeeira em ascensão. “O ajardinamento público, a arborização viária, do bairro e da cidade de Campinas, foram realizados para, juntamente à outras melhorias urbanas, transformar suas péssimas condições sanitárias, resgatando a auto-estima do campineiro e a sua qualidade de vida, após várias epidemias, que dizimaram e expulsaram parcela significativa de sua população”, aponta o trabalho.